

## *Mito e filosofia como pontos de partida para a discussão acerca da morte*

MYTH AND PHILOSOPHY AS STARTING POINTS FOR THE DISCUSSION ABOUT DEATH

*Maria Teresa Mendonça de Barros\**

*Nádia Vitorino Vieira\*\**

*Viviane Cristina Cândido\*\*\**

### RESUMO

Este artigo pretende trazer uma reflexão sobre o tema da morte na interlocução entre mitologia e filosofia, visitando alguns autores em ambos os campos de saber para discutir este tema sempre tão incômodo, no entanto, essencial. A mitologia está imiscuída na filosofia. Ao transpor a discussão do mítico para o plano filosófico, destitui-se o elemento de fabulação adotando a alegoria como forma de abordar a verdade pressentida no mito. Partindo desta premissa, procuramos entrelaçar o mito de Hades às reflexões sobre a morte e o morrer na concepção filosófica, buscando entrever a possibilidade e a especificidade de uma filosofia da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; Filosofia; Morte; Filosofia da Saúde.

### ABSTRACT

This article aims at bringing a reflection about death through the interlocution between Mythology and Philosophy, visiting authors in both fields to discuss this theme so awkward, even though essential. Mythology is immersed in philosophy. By transposition, the discussion from the mythical to the philosophical plane, the element of fabulation is destituted by adopting allegory as a way of approaching the truth felt in the myth. Starting from this premise, we will try to intertwine the myth of Hades to reflections on death and dying in the philosophical conception, aiming at looking up to find a possibility and a specificity of a Health Philosophy.

KEYWORDS: Mythology; Philosophy; Death; Philosophy of Health.

---

\* Mestra em Ensino em Ciências da Saúde pelo CEDESS / UNIFESP, São Paulo, Brasil. Graduação em Letras. Atua na área de saúde mental, com ênfase em Psicanálise com enfoque winnicottiano. Desenvolve atividades na clínica há 18 anos, como uma das coordenadoras do Grupo Vida (grupo terapêutico de orientação psicanalítica que desenvolve atividades com pacientes psicóticos). É professora de mitos e de psicanálise no Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas há 14 anos. Participa do CeHFi (Centro de História e Filosofia) da Universidade Federal de São Paulo há 5 anos, atuando em humanização em saúde e como pesquisadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. tecamendocab@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-1621-7365>

\*\* Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo -Unifesp/Campus Baixada Santista, mestra em Filosofia, graduada em Psicologia e Filosofia. Psicóloga, técnica em assuntos educacionais e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. nadia.vieira@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-8610-6927>

\*\*\* Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Educação, graduada em Filosofia e Pedagogia. Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>

## **Introdução**

Quando recorremos à mitologia grega nos deparamos com inúmeras histórias que estão preñes de “metáforas adormecidas” tal qual, o linguista Perelman (1986, p.459 §88) as denomina, são fontes riquíssimas de inspirações, reflexões e associações, tanto no plano da realidade, quanto no plano da abstração e da fantasia. Ferry (2012) reforça a ideia de que a mitologia parte de narrativas concretas capazes de encantar pessoas das mais diferentes idades, e de épocas distintas do desenvolvimento humano. O interessante é observar como as temáticas míticas permanecem vivas e atuantes na sociedade contemporânea.

A forma de ver o mundo não faz parte das explicações racionais. Ela está no campo da fantasia, da pura imaginação. O homem muitas vezes, para explicar os fenômenos da natureza, recorre ao transcendente. Essas explicações não se restringem a esse campo, mas abrangem toda a dimensão do humano.

Para Jean-Pierre Vernant a mitologia é o ponto de partida da filosofia grega. Ao transpor a discussão do mítico para o plano filosófico, destitui-se o elemento de fabulação adotando a alegoria como forma de abordar a verdade pressentida no mito. Partindo desta premissa, procuramos entrelaçar o mito de Hades às reflexões sobre a morte e morrer na concepção filosófica. Para chegarmos ao Hades, e a seu reino, o campo da morte, é interessante lembrar como surgiu esse mundo fantástico e extremamente imaginativo.

## **1. O mito**

Não constitui tarefa fácil falar sobre mito, embora de acordo com Schelling “Os mais antigos documentos de todos os povos começam com a mitologia”. (1990, p.3). Em primeira instância, o termo *mythos* está revestido de significados bem diversos do que ele tinha no passado, quando uma das únicas formas de entender o mundo e a realidade era por meio do mito.

A palavra grega *mythos*, significa discurso, dar a conhecer uma notícia, palavra narrada, que desloca livremente no espaço e no tempo. Os mitos nos chegaram por meio da palavra escrita, o que de certa forma lhes empobrece por lhes fixar em uma forma definitiva. A forma escrita está sempre distante da narrativa, dos fatos e do caráter sagrado que muitas vezes encontramos no mito. Mas, por outro lado, é através do legado escrito que nos foi possível conhecer como as diferentes culturas, em particular a grega, pensaram o mundo.

Para Mircea Eliade, mitos são relatos de histórias sagradas

(...) o mito é um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: que relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (ELIADE, 1972, p.11).

A percepção do homem grego antigo está presente nos relatos míticos do mais antigo poeta grego, Hesíodo, cujos poemas chegaram até nós, e brinda-nos com o relato da origem dos deuses e dos homens.

(...) Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre, dos imortais que tem a cabeça do Olimpo nevado, e Tártaro nevoento no fundo do caixão de amplas vias e Eros: o mais belo entre os deuses imortais, solta membros, dos deuses todos e dos homens todos ele doma no peito o espírito e a prudente vontade. Do Caos Érebo e Noite negra nasceram. Da noite aliás, Éter e Dia nasceram, gerou-os fecundada unida a Érebo em amor... (HESÍODO, 1995, p.120-125).

No princípio era o Caos, o ilimitado, o pleno de possibilidades. Ele é o começo de tudo, onde todos os elementos existiam. Ele não tem anterioridade. É difícil compreendê-lo, pois ele é anterior à própria linguagem. Só é possível entendê-lo por metáforas. Caos contém Gaia (o planeta Terra) e contém Eros (princípio de união), que a impulsiona a unir-se a Urano e gerar Hecatonquiros, Ciclopes, Titãs e Titânides, que personificam as forças da natureza no seu aspecto material e que sempre opõem dificuldades e obstáculos ao surgimento definitivo das formas ordenadas e constantes de vida. (BRANDÃO, 1997, p.23).

Caos é, portanto, a mais velha das formas de consciência divina. A sua natureza divina é de difícil entendimento, devido às mudanças que a ideia de “caos” sofreu com o passar das épocas. Seu nome significa “separar”, “ser amplo”, significando o espaço vazio primordial. O conceito que conhecemos hoje, de desordem, confusão, só seria atribuído à divindade mais tarde, pelo poeta romano Ovídio.

Depois surge a Terra (Gaia) de seios fartos, que a todos nutre e com sua capacidade inigualável de gerar. Caos sozinho gera Érebo e Noite. E Érebo unido a Noite em amor geraram e Éter e o Dia. A partir dessa relação nada mais foi gerado sem a presença de Eros (amor).

Os primeiros filhos de Gaia são devastadores, fazem os vulcões entrarem em atividade, criam terremotos, tempestades e furacões. Urano, filho de Gaia e pai de seus filhos, resolve puni-los por sua violência, jogando-os no Tártaro, região do Érebo subterrâneo. Mas Gaia, como mãe que é, os salva. Ela é natureza, não pode impedir que os fatos sigam seu curso natural.

Cronos, que significa tempo, fome devoradora da vida, desejo insaciável de evolução, é filho de Gaia e Urano. No entanto revolta-se contra o pai, (pois este fecunda Gaia incessantemente) e contra os irmãos, por sua violência arrasadora. Cronos vinga-se do pai com uma arma preparada por Gaia, decepando-lhe os testículos com uma foice; seu sangue ao cair no mar dá origem a Afrodite, provando que a natureza é força criadora incessante. Cronos se torna, a partir desse momento, capaz de competir com o pai. Mas, Urano é imortal. O seu reino cede lugar ao de Cronos, curvando-se à implacável necessidade de evolução.

Mais tarde Zeus, filho de Cronos, será o centro da configuração Olímpica que se forma na segunda etapa da evolução mítica. Zeus colocará, definitivamente, ordem no cosmos. Ele é o princípio divino da Espiritualidade, destronando o próprio pai (Cronos) para estabelecer na Terra a base das relações entre todos os seres.

Entre os gregos antigos fica clara a religiosidade e a poética do mito. Ambas permitem que o homem acesse o transcendente e a si mesmo. De tal sorte que há também no mito uma carga ética, pois a práxis humana se espelha nas ações dos deuses.

## **2. A verdade – entre o mito e o logos**

Quando afirmamos a verdade do mito, não estamos nos referindo à uma lógica, mas reportando à uma verdade intuída. Não há necessidade de demonstração para os fatos míticos - eles são vivenciados no momento da narrativa.

Como vimos em Hesíodo, o mito busca explicar a origem do Cosmos. São histórias que têm por objetivo veicular uma explicação que traga luz sobre os fenômenos naturais e sobre as situações existenciais vividas pelo homem. Assim, as cosmogonias antigas têm como primeira explicação o Caos. Dele são extraídos o mundo e os Deuses que atuam sobre a matéria do mundo sem se preocupar com sua origem.

Hesíodo foi escolhido pelas musas para dar a conhecer seus designs. Ele, porém, é mortal, passível de erros, de ambiguidades. E as próprias musas relatam no poema, que tanto podem veicular a mentira como a verdade. “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só. Sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos e sabemos se queremos dar a ouvir revelações” (HESÍODO, 1995, p.26)

Os heróis gregos Hércules, Ariadne, Apolo, personificam o ponto chave da transformação social. O que para o pensamento racional de

uma época posterior pareceria absurdo, na realidade são tentativas desses povos para combinar certas funções ou ideias em uma imagem concreta singular. Por exemplo: Gaia que é Terra e ao mesmo tempo mulher.

As musas não garantem a veracidade de suas revelações. Ao ouvirmos a narração de um mito não nos prendemos à sua veracidade ou falsidade. “Nem tampouco devemos buscar nele o divino que o mito é.” (GADAMER, 1999, p.25). O filósofo considera que, a palavra mito, séculos mais tarde, cai em desuso e é suplantada pela palavra *Logos*<sup>1</sup>. O Logos ressalta que o mito é um tipo particular de discurso. Mito passa a significar tudo aquilo que só pode ser narrado, as histórias dos deuses e de seus filhos.

A filosofia dos primeiros pensadores gregos era revestida de mito. Geralmente as ideias eram traduzidas em forma de poesia. Para o homem sensível, apenas a presença de uma imagem é suficiente e quando realmente deseja conhecer as origens do fenômeno, não busca suas origens concretas, mas suas origens míticas. Assim, os mitos na tentativa de entender o homem, recorrem ao campo do não racional e se abrem para as mais diferentes interpretações. O mito não é fruto de processos intelectuais, ele advém das emoções humanas. Mas o mito não é a emoção em si; é a sua expressão.

---

1 A raiz ‘log-’ ‘leg-’ que se encontra no substantivo verbal ‘logos’, derivado do verbo ‘legô’, tem por sentido primeiro ‘recolher’. Onians, tratando das situações em que, nos poemas Homéricos, os heróis ‘falam’ (dialeção) com o próprio ‘íntimo’ (thymos) [Il. XVII, 90-106], afirma que “essa visão, de pensamento como fala contribuiu para o uso posterior de logos como termo equivalente tanto de *ratio quanto de oratio*.” (ONIAN, 1994, p.13). O sentido de ‘faculdade da razão’ parece ser o que melhor abarcaria em sua amplitude a noção de logos. (VIEIRA, 2010, p. 10-11)

A ideia da *Filosofia* como milagre grego, da transição abrupta do mito para o *Logos*, parece-nos ingênua e historicamente descontextualizada. O *Logos* emerge juntamente com a *pólis* e seu surgimento foi resultado de um processo lento. Ele percorreu o caminho traçado pelo mito, e desse trouxe muitas características que não desaparecem magicamente. Portanto, o aparecimento da filosofia entre os gregos foi o fim de um processo, que teve em suas bases o surgimento da escrita e da cunhagem de moedas, fruto da racionalidade, tendo em vista que ao dinheiro está associado um valor.

Na *pólis*, a palavra escrita ou oral, torna-se um instrumento político, em essência. A palavra em forma de discurso e argumento, tem força de persuasão, oferecendo a oportunidade de escolha entre um discurso e outro. A arte política será, conseqüentemente, a arte do falar e do escrever bem.

Vernant destaca a importância de nos reportarmos às mudanças sociais impostas pela reforma constitucional de Sólon, que criou espaço para igualdade, a única possibilidade de se consolidar a cidade. A noção de igualdade nos remete à noção de *phylia*. Mas a igualdade proposta por Sólon é hierárquica. Cada um está no lugar que lhe compete e possui a porção de poder que lhe cabe em função de sua própria virtude. O que torna os cidadãos iguais, são as leis que agora são comuns a todos. Mas é Clístenes que abole a organização tribal, livre dos vínculos de consanguinidade, operando assim uma mistura entre os cidadãos. (Vernant, 2008, p.65)

A pólis se forma pela autonomia da palavra. Não mais a palavra mágica do mito, advinda dos Deuses, mas a palavra dos homens, racionalizada e argumentada. O filósofo por intermédio da oralidade e da escrita se dirige a toda cidade. Ao trazer para a *Ágora* o debate, a filosofia passa a responder aos argumentos que lhe são colocados, constituindo-se assim como uma disciplina intelectual específica. Portanto, a atitude do filósofo se diferencia da atitude do homem mítico. Contudo, o conteúdo da filosofia é semelhante ao do mito. Na transição do mito para o *Logos*, por um lado há uma continuidade em relação às estruturas e por outro, uma ruptura na forma de como o homem passa a ver as mesmas questões. De acordo com Perine

O pressuposto fundamental da compreensão filosófica do mito é que ele, antes de tudo, é palavra ou, o que é o mesmo, uma das formas do discurso humano. Fica, portanto, claro, desde logo, que o estereótipo de oposição irreconciliável entre *mythos* e *lógos* é sem fundamento para uma genuína compreensão filosófica do fenômeno. (2000, p. 45).

Giambattista Vico (2005) em sua obra *Ciência Nova*, considera que o mito é uma verdade histórica, um modo de pensar que tem suas próprias características e que condiciona, ou pelo menos expressa, certas formas que permitem aos povos antigos pensar e transmitir as suas experiências. Para Vico, cada parte da história contém uma lógica e não parece sensato analisá-la em função de outro elemento, anterior ou sucessivo a ela. Para ele, o modo de pensar mítico identifica-se como modo de pensar poético. (REALE, p.660)

O filósofo alemão, Friedrich W. Schelling (1990) acredita que a forma de pensar mítica representa um dos modos pelos quais o absoluto se revela no processo histórico: o mito é, portanto, revelação divina. Para ele, a partir da história do povo grego pode-se tentar uma dedução histórica de suas antigas sagas sobre a idade do ouro e sobre os períodos subsequentes. É inegável que estas sagas dos primeiros povos gregos foram transformadas por poetas e filósofos em filosofemas míticos sobre o período inicial e mais feliz do gênero humano em geral (Schelling, 1990, p.26). Tal afirmativa nos leva a concluir que entre mito e filosofia não há uma ruptura, no sentido exato da palavra, há presença, circularidade e continuidade do *Mythos* ao *Logos*. A essência do mito, se vincula aos sentimentos, aí talvez resida sua força.

Os mitos nos permitem apreender o conhecimento onde a razão não consegue alcançar.

O verdadeiro substrato do mito não é de pensamento, mas de sentimento. O mito e a religião primitiva não são, de maneira alguma, totalmente incoerentes, nem destituídos de senso ou de razão; mas sua coerência depende muito mais da unidade de sentimento que de regras lógicas. Esta unidade é um dos impulsos mais vigorosos e profundos do pensamento primitivo (OLIVEIRA, 2017, p.8 apud CASSIRER, 1977, p.134).

### **3. Hades e a morte**

Temas desafiadores podem ser apreciados a partir da perspectiva mítica, pois o distanciamento entre o relato metafórico e a realidade atual serve como uma espécie de desvio da angústia trazido pelo tópico. Ao final é possível mergulhar em uma reflexão profunda e reveladora. Este é

o caso do tema da morte. Ao abordá-la, no conjunto da mitologia grega, encontramos a figura de Hades, senhor do reino das profundezas, campo dos mortos e das riquezas não reveladas. Na jornada mítica pelos campos da morte, cruzamos o limiar entre vida e morte. O reino de Hades é subterrâneo, com vários territórios, percorridos por meio de cinco rios (Estige, Cócito, Aqueronte, Flegetonte e Letes) que o cruzam.

O rio Estige era conhecido como o rio da invulnerabilidade e brotava de uma fonte e perdia-se nas profundezas. Tinha propriedades mágicas, visto ora como venenoso, ora como capaz de dar uma invulnerabilidade para quem se banhava. Era o local dos juramentos dos deuses. Depois dele chegava-se ao rio dos lamentos (Cócito) e das lágrimas (Aqueronte). Cócito era um pequeno rio que saía do Estige e se unia ao rio Flegetonte (rio da ira e da lava do inferno). Ele faria parte da peregrinação purificadora das almas antes de serem julgadas pelos juízes desta ífera região. Às lágrimas se unem a tristeza e os lamentos do rio Aqueronte, pois esse é o momento da consciência de que não será possível voltar à vida. Em seguida, chegava-se ao rio Flegetonte, que seria um rio que corria lado a lado com o rio Estige por quem teria se apaixonado. Para Dante Aligheri (2003), este seria o local dos castigos para assassinos cruéis. Em suas margens, centauros flechavam quem tentava fugir. Sua função era purificar as almas dos pecadores, e daí ser atribuído a ele um poder de cura. Por fim, desembocava-se no rio Lete. Dizia-se que aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo a tocassem, experimentariam o completo esquecimento. Ele faria fronteira com os Campos Elísios, o destino final de

deuses e heróis. Assim, para entrar no campo sagrado da ilha da Bem-aventurança seria preciso cair no esquecimento.

Grimal (1993) comenta que Lete transformou-se numa alegoria e coloca o Esquecimento como sendo irmão da Morte e do Sono (Thanatos e Hipnos). Platão teria dito que as almas bebem dessa fonte para perderem a memória do que teriam visto no reino dos mortos, antes de reencarnarem, depois de um período de mil anos como eidolons do reino de Hades.

A mítica grega apresenta o mundo de Hades ou mundo das Trevas como sendo o território de domínio de Plutão, irmão de Zeus e Poseidon, todos filhos de Crono e Reia. Ao singrar as águas subterrâneas no barco de Caronte, observa-se as regiões de Hades: o espaço dos males, da indiferenciação, a planície do julgamento, o profundo do Tártaro e os Campos Elíseos, o que pode nos ajudar a pensar no processo do morrer e suas etapas, sendo a primeira o encontro como o tema – temido e evitado – na sociedade contemporânea. Passado e presente se aproximam, pois Hades é «o terrível deus da morte» que fazia as coisas vivas desaparecerem, tornarem-se invisíveis e fantasmáticas.

Para os gregos os rituais do sepultamento dos mortos era uma obrigação que se devia levar muito a sério, porque os homens que não tinham seus corpos velados e ritualizados não entravam no Hades e ficavam perambulando como fantasmas.

Platão pode ser visto como uma ponte muito importante entre mitologia e filosofia em função dos mitos a que ele se refere em *A República*, livro X (614b a 621b), onde o autor relata o mito de Er, uma narrativa de

uma personagem que retornou do Hades. É um guerreiro, que morreu em uma batalha, mas que dias após sua morte, seu corpo continuava intacto. Doze dias depois, quando o corpo se encontrava na pira para ser incinerado, ele ressurgiu e começa a contar aos presentes o que havia visto no outro mundo. Conta-nos Platão que, após a sua alma sair do corpo, viajou com outras almas até chegar a um lugar divino com duas aberturas contíguas na terra e duas no céu frente a estas. No espaço entre elas, presidiram juízes que, depois de se pronunciarem, decidiram para onde se encaminhariam as almas. Os justos seguiam para a abertura da direita, que subia ao céu, os injustos seguiam para a da esquerda, que descia. Todas levavam uma nota com o julgamento e com tudo o que haviam feito.

A Er foi dito que seria o mensageiro que traria aos homens notícias acerca das coisas daquele lugar. Er observou então que os que já haviam pago os seus pecados regressavam à vida, passando por um lugar onde estavam as três Moiras, as filhas da Necessidade, Láquesis, Cloto e Átropos (cuidadora do futuro), responsáveis pela tessitura do destino dos homens. Cloto confirmava a escolha do destino e a atrelava ao gênio e à alma. Então, Átropos enrolava o fio para tornar irrevogável o que havia sido tecido por Cloto. No final da vida, com o destino cumprido, Átropos cortava o fio, promovendo a morte da pessoa que reentraria novamente no ciclo de morte-renascimento.

Então, um mensageiro dos deuses pegou em lotes e modelos de vida e dispôs para as almas escolherem, pois iria começar outro período portador de morte (tempo de vida humana). Havia destinos para todas as espécies, mas essas escolhas resultaram em imensas armadilhas.

Depois, as almas foram conduzidas para a planura do rio Lete e todas foram forçadas a beber uma certa quantidade de água, esquecendo tudo, umas mais que as outras, conforme bebiam mais ou menos. As que irrefletidamente bebiam mais, esqueciam demais, eram os tolos e as que bebiam menos eram os sábios. Er, impedido de beber, acordou divinamente na pira funerária.

#### **4. A Morte no Ocidente**

Depois do incurso no mundo de Hades, vamos retornar para a questão da morte no Ocidente e procurar apreender como os homens têm lidado com essa manifestação do humano na contemporaneidade.

Schopenhauer, por exemplo, constrói uma conexão entre mito, filosofia e morte ao se referir, ao rio Letes em *A arte de envelhecer* (2012) quando diz:

Como a vontade de viver poderia suportar essa existência vazia, oca e dolorosa por um tempo infinito, se a morte e o seu irmão, o nascimento, não renovassem constantemente o intelecto para toda vontade individual, fazendo com que o Lete fosse aquele que ao menos tira a monotonia do que não é desfrutado, permitindo que aquilo que é repetido milhões de vezes sempre apareça como algo novo? (SCHOPENHAUER, 2012)

O século XX matou a morte: “a sociedade expulsou a morte, salvo a de homens do Estado [...] tudo se passa na cidade como se ninguém mais morresse” (ARIÈS, 2014, p. 756). A morte é varrida para debaixo do tapete, é escondida e disfarçada como a doença, tornando-se suja e inoportuna. O hospital passa a ser seu esconderijo enquanto a vida lá fora

permanece normal, e os rituais fúnebres dão lugar à morte solitária. De tal modo, a morte deixa de fazer parte do processo de “ser” humano e torna-se um sinal de impotência e fracasso. Quando a indesejada chega, o ideal é que ela não seja percebida.

Quando nos referimos acima que a contemporaneidade matou a morte, é por entender que o avanço das tecnologias na saúde muitas vezes prolonga a vida, buscando incansavelmente retardar o momento final. Muitos profissionais tomam a morte como um fracasso, e se recusam a interromper cuidados e mantêm a vida obstinadamente (ARIÈS, 2014, p. 790).

A fim de superar essa dificuldade em lidar com a morte, alguns profissionais da saúde buscaram se especializar em Cuidados Paliativos, cujos princípios basilares se referem a “integrar aspectos psicológicos, sociais e espirituais nos cuidados aos pacientes”; oferecer um sistema de apoio para ajudar o paciente a viver ativamente, tendo sua dor ou outros sintomas, que causem sofrimento, aliviados, não apressando ou adiando a morte, entendendo a morte como um processo normal (KOVÁCS, 2012, p. 135). Os Cuidados Paliativos buscam retomar a dignidade da morte e reconhecê-la como uma experiência humana, que não pode ser escondida, negada.

Há uma forte tendência em se negar a morte, bem como diminuir a importância dos rituais, da mitologia e das vivências de religiosidade que lhe são intrínsecas. Essa evitação parece ter como objetivo afastar-se do contato com as emoções, tornando as pessoas cada dia mais solitárias e menos solidárias.

Somos uma sociedade de contradições e no século XXI a morte penetra a vida das pessoas a todo momento, segundo Kovács (2012, p. 147) a morte foi naturalizada, banalizada. As mortes violentas, os acidentes e os homicídios diuturnamente veiculados nos meios de comunicação.

A COVID-19 por um lado nos trouxe a “naturalização” da morte e, na fase mais difícil da pandemia era frequente ouvirmos “hoje só morreram duas mil e trezentas pessoas”. Por outro lado, forçou nosso olhar para a morte, nos convocando a refletir sobre a qualidade que imprimimos em nossas vidas.

## **5. Mitologia, finitude e filosofia**

Luc Ferry (2012) no prólogo de *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver* nos propõe alguns questionamentos: o que é viver com lucidez? A aceitação da morte? Como aceitar viver de acordo com o que se é e com o mundo circundante, incluindo a harmonia com o universo?

O que nos leva a pensar que a banalização da morte é antes a banalização da vida. Isto mostra um aspecto perverso e desumano. É sintoma de uma grave crise de valores éticos de uma sociedade que está doente, alienada e alienante. Enquanto a vida não tiver valor, a morte será só um detalhe.

Retomando o pensamento mitológico, Vernant (2008) coloca-nos um contraponto, acerca do tempo que precedeu àquele onde os homens passam a ter que lidar com a finitude. Os mitos nos falam de um tempo primevo, caracterizado por um viver harmônico entre homens e deuses,

em uma terra rica e abundante, sem intempéries. Era a Idade de Ouro, o tempo de Cronos, quando os homens não conheciam nenhum dos males que hoje assolam o humano, incluindo a finitude.

Para explicar os mistérios da vida e torná-los suportáveis, por séculos os seres humanos usaram os mitos, tentando entender por que as estações do ano mudam, o enigma da morte, como também as complexas questões dos relacionamentos. O mito, com sua capacidade misteriosa de conter e transmitir os paradoxos, permite-nos enxergar em volta e além dos dilemas, o verdadeiro cerne da questão, pois “muitas vezes, é o nosso pensamento linear, racional e obcecado com as causas, que nos obscurece o sentido mais profundo e a resolução desses dilemas” (GREEN; SHAMAM-BURKE, 2001, p. 09).

Na continuidade da reflexão mítica e adentrando na esfera filosófica, aqui surgem considerações sobre “doutrinas de salvação sem Deus, de vida boa para os simples mortais que somos” (FERRY, 2012). Na Filosofia podemos nos lembrar de que Heidegger falava que o homem vive o engano de se pensar imortal. Ao ter consciência da própria morte, o homem experimenta a angústia, que pode levá-lo ao desespero ou a uma abertura para uma vida autêntica. A morte é algo que nos acompanha, tenhamos consciência ou não desse fenômeno, pois todo homem tende para a finitude humana (AGOSTINHO, Cidade de Deus. XIII, 10. p.104). Neste sentido, pode-se dizer que há muitos pensadores que tomaram consciência da própria finitude e se propuseram a refletir sobre ela. Para Heidegger (2012) a existência se dá no intervalo entre a vida e a morte. Isso porque

a concepção vulgar de existência implica, de antemão, a ideia de finitude como a contingência à que está submetido tudo o que vive.

Embora Heidegger considere que o homem é um ser para morte, a morte é um fenômeno do qual não temos um conhecimento direto, a não ser pela experiência da morte dos outros, sobretudo quando vivenciamos a falta da presença. Heidegger nos remete à finitude, fazendo menção a um antigo ditado alemão: “um humano, logo que nasce, já é bastante velho para morrer” (Heidegger, 2012). Essa discussão da morte como fenômeno humano está presente também em outros filósofos como Wilhelm Dilthey, Georg Simmel ou Karl Jaspers. Todos os três relacionaram morte e vida, sendo a primeira apontada como o fenômeno da situação limite que o homem experimenta na sua existência. O que Heidegger nos chama atenção é que pensar a questão da finitude nos faz encontrar o sentido ilimitado da vida, ou seja, ser para morte significa ser para vida.

## **Considerações finais**

À guisa de conclusão, nos parece é importante destacar que tanto o mito como a morte compõem a nossa história. Nesse sentido, de acordo com Campbell (2008), “tradicionalmente, a primeira função de uma mitologia viva é conciliar a consciência às precondições da sua própria existência – quer dizer, com a natureza da vida”. (Campbell, 2008, p. 31). De tal sorte que onde a cognição não alcança, o mito cumpre a função de preparar o terreno para nosso intelecto se apropriar desse conhecimento.

Os rituais da morte, segundo Gadamer, nos colocam diante da nossa “humanidade” e nos diferenciam de todas as outras espécies. Até onde é possível saber, os homens enterram seus mortos e lhes prestam homenagens. Gadamer retomando a tradição mítica, nos conduz até a tragédia grega de Ésquilo (525 a.C - 456 a.C), *Prometeu Acorrentado*<sup>2</sup>, na interpretação do hermeneuta, o grande feito de Prometeu for ter tirado dos homens o saber acerca do momento da sua morte. (GADAMER, 2006, p, 70)

Assim no reino de Hades, nas profundezas da Terra, que nos de-  
frontamos com nossa finitude, mas também é onde se abrigam riquezas  
ocultas, não reveladas ou exploradas. É o ponto final de uma existência, o  
arremate no bordado tecido ao longo da vida. Em se tratando das relações  
entre mitologia e filosofia, concluímos com Aristóteles, “aquele que ama  
o mito é, de certo modo, filósofo” (Metafísica, A 2, 982 b 18).

Ao longo deste artigo, desejamos apontar como a mitologia pode  
ser um caminho para pensarmos acerca da morte, necessidade que se co-  
loca para a área da saúde, afinal, pensar e experienciar a vida é pensar e  
experienciar a morte. Na biologia, a morte está engendradora na vida, tudo o  
que vive perece. Disto decorre o que podemos entender como a especifici-

---

2 O titã Prometeu roubou o fogo de Zeus para o dar aos mortais. Para o punir, o deus dos deuses mandou acorrentar Prometeu a um rochedo e mandou-lhe uma águia para devorar o seu fígado, que tinha a capacidade de se regenerar a cada noite. Anos e anos se passaram em que a águia continuava comendo o fígado de Prometeu, que permanecia preso com correntes. Um dia, o centauro Quíron resolveu salvá-lo, libertando-o das correntes e matando a águia com um arremesso de flecha certeiro. Após ser salvo, Prometeu se tornou um deus, uma vez que Quíron ofereceu-lhe a sua imortalidade. Quíron, que tinha sido acidentalmente ferido por uma flecha envenenada lançada por seu amigo Hércules, vivia em sofrimento e desejava morrer e descansar. Prometeu acorrentado. Ésquilo (525 a.C – 456 a.C)

Maria Teresa Mendonça de Barros  
Nádia Vitorino Vieira  
Viviane Cristina Cândido

dade de uma filosofia da saúde, a qual carece pensar acerca das condições da nossa existência e da finitude como parte dela.

## Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. Cidade de Deus: contra os pagãos. Trad. por Oscar Paes Leme. 2ª ed Petrópolis: Vozes, 1990.

ALIGHIERE, DANTE. A divina comédia. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. [ebooksBrasil.com A DIVINA COMÉDIA (dominiopublico.gov.br)]. Acessado em 20/05/2021

ARIÈS, Pierre. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Pierre. O Homem Diante Da Morte. São Paulo: UNESP, 2014.  
BRANDÃO, Junito de Sousa. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Dicionário Mítico-Etimológico, vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAMPBELL, Joseph. Mito e transformação. São Paulo: Ágora, 2008.

CASSIRER, Ernest. O Mito do Estado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976

DETIENNE, Marcel., VERNANT, Jean-Pierre. Métis, as astúcias da inteligência. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo. Perspectiva, 1972

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ÉSQUILO. Prometeu Acorrentado. Tradução João Batista de Melo e Silva. Disponível em [[www.ebooksbrasil.com](http://www.ebooksbrasil.com)]. Acessado em: 21 de out. 2021

FERRY, Luc. A Sabedoria dos Mitos Gregos, aprender a viver II. Rio de Janeiro: Objetiva, Brasil, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. Mito y Razón. Barcelona: Paidós, 1997.

GADAMER, Hans- Georg. O caráter oculto da saúde. Tradução de Antônio Luz Costa. Petrópolis: Vozes, 2006.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Maria Teresa Mendonça de Barros  
Nádia Vitorino Vieira  
Viviane Cristina Cândido

\_\_\_\_\_. Mitologia Clássica: mitos, deuses e heróis. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

GREEN, Liz., SHARMAN-BURKE, Juliete. Uma Viagem através dos Mitos. Porto Alegre: Gradiva, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Trad. de Fausto Castilho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. Trad. Mary de C. N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HESÍODO. Teogonia: A Origem dos Deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a Morte: Temas e Reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013

OLIVEIRA, Bruno Nascimento. O mito e o nascimento da filosofia. Revista Diaphonía, [S. l.], v.3, n.2, p.21–29,2017. Disponível em: [<https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/18624>]. Acessado em: 08/10/ 2021.

PLATÃO. A República. Tradução Albertino Pinheiro. Bauru: EDIPRO, 2001.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação. A Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERINE, Marcelo. Mito e filosofia. *Philosophos*. Goiania, 7(2):35-56, 2002. Disponível em: [<https://www.bing.com/search?q=PERINE%2C+Marcelo.+Mito+e+filosofia.+PHILÓSOPHOS.+Goiania%2C+7%282%29%3A35-56%2C+2002%09&form=ANNTTH1&ref=7282744b828541358d2795d11d3ae649>]. Acesso em 06/10/2021.

REALE, Giovanni. História da Filosofia. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

SHELLING, Friedrich W. J. Experiência e história: escritos de juventude. Trad. José Villacañas. Madrid: Tecnos/Metropolis, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de Envelhecer. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

VICO, GIAMBATTISTA. Ciência nova. Trad. de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Maria Teresa Mendonça de Barros  
Nádia Vitorino Vieira  
Viviane Cristina Cândido

VIEIRA, Celso de Oliveira. Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito, 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.